



PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

C. M. L.
 GABINETE
 DE REPRODUCOES
 OLISIPONENSES

PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

Ha dias apresentando a vista do castello de Carisbrooke, promettemos dizer alguma coisa sobre o palacio d'Osborne, residencia da rainha Victoria na ilha de Wight. Cumprindo agora a promessa que então fizemos, offerecemos aos nossos leitores o desenho do mesmo palacio, e a sua descripção feita por madame Luisa Colet, a quem já devemos a de Carisbrooke.

Osborne é a propriedade particular da rainha d'Inglaterra, e, de todas as suas residencias, a que prefere habitar. Apraz-lhe, d'accordo com seu marido, o principe Alberto, embellezal-a e augmentar as suas casas e jardins. Outr'ora Osborne pertencia a lady Blackford: era uma propriedade de familia cercada por uma tapada. A herdade visinha era do seculo d'Isabel; restaurou-se completamente sem se mudar nada do primitivo estylo. Outras propriedades adjacentes foram successivamente unidas á da rainha. O palacio é limitado a oeste pela grande estrada de *East-Cowes* a Newport, e a este pelos rochedos chamados *King's-Quay*, que uma tradição indica como tendo servido de logar de refugio ao rei João, perseguido pelos barões rebeldes; ao norte está o canal de *Solent*, que serpeia por entre terras mattagosas.

Ao redor do palacio ha magnificos passeios. A *torre dos signaes* tem cento setenta pés d'altura, e a do *relojo* noventa. Dois largos terrados, um dos quaes — o da fachada principal — tem dezete pés d'altura; e o outro dez, são um dos logares de descanso preferidos pela rainha. Os mais bellos quartos, ao *rez-de-chaussée*, são espaçosos e de elegancia verdadeiramente franceza; a *torre dos signaes* communica com uma galeria descoberta, que se estende sobre toda a fachada nordeste do castello. Do outro lado, a entrada das carruagens dá sobre um immenso taboleiro de relva, circundado d'arvores raras vindas da India e da Australia. A collina sobre que o palacio está situado é pouco mais ou menos da altura das que o cercam. Do cimo das torres, a vista é admiravel.

A rainha Victoria abandona em Osborne a etiqueta da côrte. Ahi, em um pavilhão especialmente destinado ás occupações mais familiares, assiste ao trabalho dos filhos, e assegura-se que as princezas ahi aprendiam a cosinhar, e os principes cada um sua profissão mechanica.

BASTIAT.

Quando se falla no autor das *Harmonias*, entende-se geralmente que é de Lamartine que se trata; porém ha um outro livro de *Harmonias*, menos conhecido do vulgo do que os versos do illustre poeta, e que todavia tem um merecimento superior, uma originalidade sem par no seu genero: é a obra prima de Frederico Bastiat.

Quem leu á frente das *Oeuvres completes* d'es-

te autor a sua biographia, escripta por Miguel Chevalier, ou folheou a noticia sobre a vida e escriptos do mesmo por R. de Fontenay, ou finalmente passou pelos olhos algum outro dos muitos opusculos que se occupam d'este talento brilhante, que amenisou a economia politica, não se incommode a ler as seguintes linhas, despreziosas de louvores, e unicamente destinadas a apresentar, aos que o não conhecem, este grande homem do nosso seculo, fallecido não ha muitos annos, e que se chamou na terra Frederico Bastiat.

O illustre economista nasceu em Bayona a 19 de Junho de 1801, quando as armas victoriosas de Buonaparte enchiam de pasmo e terror as nações da Europa. Orphão aos nove annos, e sem irmãos, o joven Frederico ficou sob a tutela de seu avô; e serviu-lhe de mãe sua tia, Justina Bastiat, que lhe sobreviveu ainda.

Tendo concluido os estudos no collegio de Sorreze, em 1818, entrou na casa de commercio de seu tio em Bayona; mas apesar do prosaismo de tal occupação, Bastiat não deixava corromper-se o espirito com que Deus o dotara, estudando fervorosamente os idiomas, a musica, a litteratura franceza, ingleza, italiana, as questões religiosas e a economia politica.

Na idade de vinte e dois para vinte e tres annos dedicou-se á agricultura, tratando de fazer melhoramentos nas terras que herdara de seu avô, em Mugron, nas margens do Adour; o resultado, porém, d'estes esforços foi pouco satisfatorio para o emprehendedor.

N'este isolamento do campo encontrôu um amigo verdadeiro, Felix Coudroy; como no collegio tivera outro, V. Calmètes; como depois possuiu um terceiro, Ricardo Cobden. O primeiro, amigo de coração; o segundo, de intelligencia; o ultimo, de politica. Coudroy foi collaborador de Bastiat nas suas estreias litterarias e economicas; e a intimidade entre estes dois homens durou mais de vinte annos, quasi sem interrupção, e sem discordancia!

O modesto juiz de paz de Mugron começou por escrever pequenos artigos de jornal; depois trabalhos mais serios, como o *Fisco e a Vinha* (1841), *A questão vinicula* (1843), *Memoria sobre a repartição do imposto nos bens de raiz em o departamento dos Landes* (1844) o occuparam, até que a questão da liberdade de commercio, que se debatia então com toda a força na Grã-Bretanha, lhe fez entrever novos e brilhantes horisontes de reforma para a França.

Principiou então a escrever aquelles famosos artigos, que todos admiraram no *Jornal-dos Economistas*; os celebres *Sophismas economicos*, e a *Historia da Liga ingleza*. Em Maio de 1845 faz apparecer em Paris um livro intitulado *Cobden*; e em seguida passa a Inglaterra, para apertar a mão a esse homem que admirava e respeitava, e aos demais chefes da Liga.

Em 1846 organisa em Bordeaux uma associação promotora da liberdade de commercio, e vol-

ta á capital com o intento de agitar aquella Babilonia. Desprovido de fortuna, desconhecido em Paris, consegue, á força de perseverança, organizar uma commissão central, da qual fica sendo secretario, e um jornal hebdomadario que elle dirige, tudo no sentido d'aquella grande idéa que havia abraçado com enthusiasmo.

Lyão, Marselha, o Havre escutaram os seus discursos de reformador; e quem sabe a direcção que este negocio teria tomado, se não fosse a revolução de 1848, que o fez esfriar repentinamente.

Bastiat conhecia que era cedo para proclamar a republica em França, mas assim mesmo ligou-se á nova ordem de coisas. Eleito deputado á assemblea constituinte, e depois á legislativa, escreveu e imprimiu os discursos que a crescente fraqueza dos pulmões lhe não deixava recitar. Bastiat carecia das qualidades materiaes indispensaveis ao orador, mas nem por isso a sua força de persuasão era menos admiravel. Todavia os seus pamphletos politicos deram-lhe muito maior gloria do que as orações na assemblea.

A cada erro dos exagerados escriptores da epoca, Bastiat oppunha um dos seus persuasivos livrinhos: a doutrina de Luiz Blanc é combatida por elle com o opusculo *Propriedade e lei*; a de Leroux com o folheto *Justiça e fraternidade*; a de Proudhon com o *Capital e rendu*; ao comité Mimerel oppõe *Proteccionismo e communismo*; ao papel-moeda o *Maldito dinheiro*, etc.

Já bastante enfraquecido pela doença, Bastiat escreveu o seu famoso livro das *Harmonias economicas*, obra de grande alcance scientifico, por que tendia a fundir em um só os diversos systemas que se contrariam; mas que ficou incompleta, á espera de outro Bastiat que a conclua. Não era uma sciencia nova que o distincto economista pretendia crear, era tão somente apresentar sob um novo aspecto a sciencia já creada.

Uma nota posthuma de Bastiat indica que o autor das *Harmonias economicas* se propunha a escrever mais tarde *As harmonias sociaes*, se a morte lhe não cortasse o vôo.

Não fatigaremos o leitor com o desinvolvimento das theorias economicas de Bastiat, que ficariam deslocadas em um semanario como o *Panorama*; e apenas daremos uma succinta idéa do resto das suas obras.

Publicado o primeiro volume das *Harmonias*, Bastiat lançou-se com ardor á confecção do segundo, que não acabou; e entretanto sustentava polemica nos jornaes com mr. Proudhon; escrevia o artigo *Abundancia* para o Dictionario de Economia politica, e occupava-se de outros trabalhos secundarios.

Os sophismas economicos é um dos livros de Bastiat mais conhecidos e mais justamente apreciados. *Cobden e a Liga*; *As considerações geraes sobre a liberdade de commercio*; *A questão das subsistencias*, são escriptos de grande alcance economico, e cuja leitura se tem vulgarisado em toda a Europa. *O Estado, a Lei, Propriedade e espoliação, Paz e Liberdade*, são opusculos des-

tinados a combater as demasias dos socialistas. Outros artigos, taes como as *Incompatibilidades parlamentares*, *O que se vê e o que se não vê*, etc., pertencem á parte da carreira politica do illustre economista.

Bastiat tinha agradavel presença, maneiras insinuantes, e uma ingenuidade pouco commum. Leclerc chamava-lhe o *Lafontaine da economia politica*.

Desde a primavera de 1850 sentiu Frederico Bastiat que se aggravava a doença do peito, que ha annos o perseguia; e buscando as aguas dos Pyreneos, que mais de uma vez o haviam salvado, encontrou, pelo contrario, accrescimo de mal, perda da voz, fastio, e falta de respiração. No principio do outono aconselharam-lhe os medicos uma viagem á Italia; e chegando a Pisa leu nos jornaes a noticia da sua morte e os competentes necrologios. Effectivamente foi expirar em Roma, pouco tempo depois, a 24 de Dezembro, sem ter attingido a idade de cincoenta annos.

Mr. Paillottet, que correu de Paris a Roma para receber as derradeiras instrucções do seu amigo, deixou-nos um interessante diario das ultimas horas da vida de Bastiat, horas de serenidade christã.

Murmurando duas vezes: *A verdade!*... expirou, sem concluir a phrase.

F. M. BORDALO.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação *

VI

SOBRE AS AGUAS.

A barca vae correndo para a foz do Tejo, com a dupla velocidade da maré que vasa, e do vento que lhe sopra a favor.

Apenas na sua popa apparecera a luz que ha pouco dissemos, egual pharol se acendera n'outra barca que se via bordejando pela altura da rocha do conde de Obidos, se bem que mais chegada aos lados da outra banda, do que ás praias de Lisboa.

Dado aquelle signal por via dos pharoes, as duas barcas velejaram uma para a outra; e em quanto lidam por se encontrar, é justo que descrevamos a scena que n'esse momento tinha logar sobre as aguas.

Do mudo pouco caso se fizera; e a esse o deixaram sentar onde bem lhe pareceu. Não foi já assim com o incognito, e com o Tranqueira, que ficaram collocados entre aquelles estranhos que vimos apparecer na praia.

Houve um momento de pausa, que serviu aos dois prisioneiros para se repôrem da estranheza do caso, e ao padre Gaspar para se preparar ao interrogatorio que ia fazer.

(*) Do num. 43.

— Mui bem, senhor fidalgo da côrte do regente o senhor D. Pedro. Sua senhoria não contava de certo com este leve transtorno nos seus planos.

Assim disse o padre Gaspar rudemente ao incognito.

Este replicou :

— E quem sois vós, homem da Companhia, para assim vos intrometterdes em caso que vos não respeita?

— Antes de responder, tenho de interrogar. Só uma palavra, e tudo findará. Está resolvido a abandonar a traça d'esses planos tão temerariamente urdidos, e com tão infernal manha postos em pratica?

— Não.

— Pois de mim lhe digo, senhor D. Gil, que também não abrirei mão do meu proposito em contrarial-os. A Companhia vela porque os seus irmãos sejam protegidos, e protege-os como vêdes.

— Mas que tem com a Companhia o mercador Simão Rodrigues?! Que eu saiba é para vós um estranho, e de mais a mais bem pouco affeioado.

— E que tendes vós com Beatriz Peres, a filha do honrado homem de negocio que não pouco testou de suas arcas á Companhia, e que transmittiu á velha Aldonsa essa veneração que nos tributa?

— Agrada-me, padre, e é quanto basta. Tereis entendido? A vontade de D. Gil nunca encontrou obstaculos, porque tem braços para os desfazer, e valimento para proseguir.

— Força que vos não valeu agora, D. Gil; e valimento que desde esta tarde perdeste. D. Pedro, que tem motivos para se não agravar com a Companhia de Jesus, desde hoje vos baniu do seu real agrado.

— É impossivel!

— Nem tanto quanto vos parece. Credulo de mais é o que confia no valimento dos principes, porque a lisonja e a intriga que o fizeram alcançar, facil o deixam perder. Sabe, D. Gil, para onde navegamos?

— No poder de um padre da Companhia apostaria agora que velejamos para o inferno.

— Não vê D. Gil aquella barca que se nos aproxima?

— É a minha! Estou salvo.

— Vem n'ella homens d'armas que trazem ordem de conduzir D. Gil, como preso de estado, para os carceres da torre.

— Engana-vos o desejo, meu padré. Algum contratempo demorou a minha barca, e de longe reconheceu que eu corria perigo, e vem resgatar-me do vosso poder.

— Como é o coração humano!... sempre credulo, sempre esperançoso! Em poucos momentos recebereis o desengano. No entanto, D. Gil, aconselho-vos a desistir, se não quereis estar encarcerado por muito tempo. Bem sei que vos custa, porque o logro da empresa era excellente, e

a fortuna de Beatriz Peres é d'aquellas que pode dar lustre á casa de um fidalgo arruinado; mas a Companhia tem sobre ella vistas mui diferentes das vossas, e hão de cumprir-se.

N'isto a outra barca tinha-se prolongado com o costado da primeira, onde se passava a scena descripta, e ambas se atracaram.

A um signal do padre Gaspar, o meirinho das justiças d'el-rei tocou D. Gil com a sua vara, e lhe deu voz de preso.

O fidalgo, não se sobresaltando, puxou do bolso um papel, e o entregou ao meirinho, que lendo-o detida e silenciosamente, com vagar o dobrou, e o restituiu a D. Gil, acompanhando esta acção com um gesto imperativo de o seguir para a nova barca.

— Então não vêdes, aguazil, que é uma ordem do regente ás suas justiças, para me deixarem solto e livre, e prestarem-me auxilio quando lh'o demande?

— É verdade, porém est'outra, que esta tarde se expediu ás justiças, ordena que prendam a D. Gil, onde quer que o encontrem, e o conduzam á torre, a ferros d'el-rei, não obstante quaesquer ordens em contrario, que o mesmo D. Gil apresente, porque todas essas se dão por nullas, e como se nunca tivessem existido. Já vê, o meu bom senhor, que ao aguazil n'este caso só pertence o cumprir.

Durante esta scena o Tranqueira, aproveitando-se do interesse que o dialogo causava, vendo distrahidas as attenções, lançara-se a nado, porque seus motivos tinha para não gostar de ser preso.

O choque na agua chamara sobre elle a attenção; mas como não havia interesse em segurar semelhante homem, ninguem tratou de o seguir.

Só D. Gil, como esclarecido pelo exemplo, pareceu espreitar o ensejo de também se lançar a nado; mas prevenido pelos que o acompanhavam, foi impellido para a outra barca, e n'esta intimado, que, se fizesse alguma tentativa de evasão, seria amarrado como um preso vulgar, sem attenção aos foros da sua classe.

Ao entrar na outra barca encontrou-se com o mercador Simão Rodrigues, que n'esse momento saltava para aquella onde se achava o padre mestre Gaspar.

Continua.

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Deu logar a que se descobrisse esta seita de bruxos, segundo se refere na sentença de Maria Yurreteguia, uma mulher de nação franceza, que se tinha creado em Zugarramurdi, que ha-

via ido ao Aquelarre pondo-se de joelhos diante do demonio em quanto a rodeavam muitos bruxos insignes: ainda que esta mulher se entregou ao demonio não pôde este conseguir d'ella que renegasse da Virgem, pelo que os bruxos atemorizados a perseguiram; ella fazia todos os maleficios da sua condição; mas em suas acções não havia fé; por fim, depois de anno e meio caiu enferma, e tendo chegado a ponto de morrer confessou o seu officio, e o bispo de Bayona mandou que se lhe desse a communhão, e aquella bruxa começou a ser boa mulher. Por este resultado os bruxos perseguiram-na de morte: voltou a Zugarramurdi onde se havia creado, e foi então que disse onde se effectuava o Aquelarre, dando declaração das pessoas que o compunham: entre ellas accusou Maria Yurreteguia, a qual, presa pela santa inquisição, declarou sel-o desde menina, por a ter ensinado Maria Chipia, irmã de sua mãe, que tambem foi tirada no auto.

Sentindo o demonio os grandes danos que d'esta confissão lhe haviam de resultar, participou aos seus bruxos o grande sentimento que tinha porque aquella tivesse saído da sua bandeira, e logo começaram a perseguil-a, e a ir de noite a sua casa para a tirar e levar ao Aquelarre, mettendo-lhe medos e ameaçando-a se não fosse. E em uma noite de Aquelarre, estando o demonio e todos os seus bruxos com elle, lhes disse o grande sentimento que tinha, e que era preciso que fossem todos para tirar de sua casa a dita Maria de Yurreteguia para a levar ao Aquelarre. E dando a todos diversas figuras de cães, gatos, porcos e cabras, e a Graciana de Barnechea (que era rainha do Aquelarre) a figura de egua, foram a casa de Maria de Yurreteguia, que era a de seu sogro, e havendo entrado na horta d'ella (deixando todos os bruxos moços na dita horta), o demonio se apartou com os bruxos mais velhos, e tornando a consultar o modo que seguiria para tiral-a de sua casa e leval-a ao Aquelarre, entraram na casa pelas portas e janellas abrindo-lh'as o demonio; e acharam que a dita Maria de Yurreteguia estava na cosinha rodeada de muita gente, que aquella noite tinha convocado para que a acompanhassem e guardassem pelo medo que tinham todos os de casa dos males que nas noites antecedentes lhes tinham feito os bruxos, e porque ella lhes disse que aquella era noite de Aquelarre, e iriam maltratá-la. E o demonio e Miguel de Goiburu, rei do Aquelarre, e outros bruxos, se puzeram de traz de um escabello, e por cima d'elle deitavam as cabeças para ver onde estava, e o que fazia a dita Maria de Yurreteguia, e para a chamarem fazendo-lhe signaes que fosse com elles. E Maria Chipia, sua mestra e tia, e outra irmã sua, se puzeram no alto da chaminé, e d'ali a chamavam com a mão, fazendo-lhe signal para que quizesse ir com ellas, e a ameaçavam pondo o dedo na fronte, jurando-lhe que lhe havia de pagar se não ia com elles, e ella se defendia gritando, e mostrando onde estavam os bruxos;

mas os que estavam ali não podiam vê-los, porque o demonio os tinha encantado, deitando-lhes umas sombras para que não os podessem ver, senão a dita Maria de Yurreteguia, a qual em gritos dizia: *deixae-me, traidores, não me persigaes mais, que muito tenho já seguido ao diabo.* E vendo o muito que a apertavam para que fosse com elles, tirando um rosario que tinha ao pescoço, levantou a cruz d'elle ao alto, dizendo: *deixae-me, deixae-me, que não quero servir mais ao demonio: a esta quero,* dizia beijando a cruz, *e esta me hade defender;* e benzeu-se chamando pelo nome de Jesus e da Virgem Santa Maria; desapareceram e foram-se todos fazendo grande ruido no telhado.

E tendo voltado com muita tristeza aonde estavam os outros bruxos, o demonio despeitado dava em si grandes pancadas com a mão esquerda nos peitos, para mostrar a grande pena e dôr que tinha por não ter podido reduzir a sua bandeira a dita Maria. E para vingar-se d'ella lhe arrancaram as hortaliças da horta, e lhe quebraram e destroçaram muitos pés de arvores, e logo se foram a um moinho que tinha arrendado o sogro da dita Maria de Yurreteguia, e para mais se vingar d'ella o destruíram rompendo e quebrando o pouso, desencaixaram o eixo, e o deitaram n'agua, arrancaram a galga, e a puzeram a um lado do moinho, e depois o demonio e grande numero de diabos (que ali appareceram, e todos os bruxos) levantaram todo o moinho, que estava posto sobre quatro pilares, e o levaram ao alto d'um cerro que estava ali perto, onde o tiveram algum tempo com muito regozijo e riso por ver que tinham levado inteira toda aquella machina, e porque as bruxas mais velhas (como trabalhassem tanto para o levar), iam dizendo: *aqui moças, e em casa velhas;* e depois trouxeram todo o moinho inteiro como o levaram, e os demonios o pozeram e concertaram como estava, deixando quebrado o pouso, e o eixo na agua, e a pedra de moer a um lado. Como o tinham posto, foram-se com muito sentimento e despeito por não terem podido fazer voltar a sua bandeira a dita Maria Yurreteguia; e no dia seguinte se acharam feitos todos os ditos danos, e levaram officiaes que concertaram e repararam o moinho.

Porque esta Maria de Yurreteguia deu principio na dita forma a que se descobrisse esta seita e complicitade, e perseverou sempre em suas confissões, resistindo com muito animo ao demonio e aos mais bruxos que pretendiam reduzi-la ao seu gremio; o santo tribunal usou com ella de tão grande misericordia, e dispoz que se lhe tirasse o sambenito (estando no tablado) depois que foi reconciliada, e se lhe deu licença para que podesse voltar á sua terra, e fosse exemplo a todos os demais bruxos da misericordia que com ella se usava por ser boa confitente.

N'estes tempos existiam muitos Aquelarrs, e eram rainhas das legiões de bruxas de Navarra, Graciana de Barnechea e Estefania de Elechea,

que para dita do mundo e gloria da inquisição, morreram pomposamente queimadas.» —

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

O que apertava a mão a uma mulher livre era condemnado em quinze soldos d'ouro; e em trinta se lhe tivesse apertado o braço.

Não se conhecia, no tempo da primeira raça, o que hoje se chama gente togada. Os juizes seculares administravam a justiça armados de espadas, hachas e escudos. A sua commissão, que era temporaria, prohibia-lhes qualquer acquisição de bens na area da sua jurisdicção.

Os juizes davam audiencia em um lugar publico, todos os oito ou quinze dias, segundo a quantidade dos negocios. Cada particular advogava a sua causa; as viuvas e os orphãos, assim como os pobres, estavam sob a protecção da igreja, e nunca se sentenciava contra elles sem a intervenção do bispo.

Cada estado, e cada profissão tinha tribunal proprio, bem como leis e costumes: os ecclesiasticos eram julgados pelo clero; os militares, pelos militares; o povo, por centuriões nas villas e aldêas, nas cidades por condes, e nas metropoles ou capitaes por duques. Os francezes deviam ser julgados conforme a lei salica; os gaulezes d'além do Loire, segundo o direito romano; e os dos paizes septentrionaes, conforme o direito rutineiro. Não havia nenhum grau de jurisdicção entre os diversos tribunaes: das suas sentenças só se appellava para o rei. Se o appello era fundado, o juiz tornava-se responsavel pelas perdas e interesses; se o appellante tinha sido bem julgado, condemnavam-no em uma multa, sendo de classe distincta; aos açoites, se era plebeu. O principe enviava de tempos a tempos commissarios ás provincias, nunca menos de dois, sempre um bispo, um duque ou um conde, que se empregavam em ouvir as queixas, e dar conta d'ellas ao monarcha.

Algumas vézes o proprio rei administrava a justiça. A audiencia tinha lugar sempre á porta do seu palacio. Quando não podia assistir pessoalmente, encarregava dois officiaes de receber os memoriaes, e responder immediatamente aos que não precisavam longa discussão. Havia, além d'estes referendarios, um *conde-juiz*. Este tinha por conselheiros militares como elle, que se chamavam *vereadores de palacio*. Este tribunal julgava de tudo que dizia respeito ao estado, ao principe e ao publico. Quando o rei o presidia, assistido dos bispos, abbades e duques, a causa era relatada pelo conde-juiz, recolhiam-se os votos, e em seguida sentenciava-se.

Os filhos não podiam casar sem o consentimen-

to do pae e da mãe. O futuro esposo devia offerrecer uma somma aos paes da donzella. Esta especie de compra dava tamanho poder ao marido, que, se elle dissipava o dote ou as heranças pertencentes a sua mulher, esta não tinha direito de lhe pedir a restitução.

A adopção era permittida, dava todos os direitos de filho legitimo, e fazia-se perante o rei, que dava as ordens para a expedição dos diplomas.

Distinguiam-se tres especies de bens: os *proprios*, de que se permittia a livre disposição; os *beneficios*, que se recebiam do principe ou da igreja, sob certos censos; as *terras salicas*, que se possuiam com a condição do serviço militar. As mulheres não herdavam senão os *proprios*; os *beneficios* devolviam ao rei por morte do possuidor; as *terras salicas* pertenciam só aos varões. É para notar que os reis de França, entrando nas Gallias, deixaram aos gaulezes os dois terços das suas terras, fazendo-os tributarios: o outro foi dividido pelas tropas victoriosas. O quinhão do soldado dependia do official. O que este possuia era com certa subordinação a outro, que tambem não fruia senão por autoridade do rei. Assim tudo dependia do monarcha.

Carlos-Martel, depois de ter vencido os sarracenos, apoderou-se d'uma parte dos bens da igreja, pretextando que se tinha desfalcado combatendo os inimigos do nome christão. Não contente de chamar a si os *beneficios* mais consideraveis, dividiu os bispados e abbasias pelos principaes senhores do seu exercito, e deu as parochias aos officiaes subalternos. Os *beneficios* tornaram-se hereditarios; fizeram-n'os entrar em commercio; e partilhavam-se como os outros bens de familia. Em certos inventarios venderam-se igrejas, altares, sinos, ornamentos, calices, cruces e reliquias. Levou-se ainda mais longe este horrivel abuso: quando se casava uma filha, dava-se-lhe em dote uma parochia de que arrendava o dizimo e todo o producto. Foram necessarios seculos para reformar estes escandalos. Julga-se que d'ahi vieram os dizimos enfudados, isto é, possuidos como em feudo pelos nobres ou outras pessoas leigas.

Continua.

?

Acaso já viram na terra uma virgem,
De formas divinas, de olhar seductor;
Enlevo das almas, um astro radioso,
Luzindo discreto de um novo fulgor?

As phrases que solta são todas candura,
Infiltram-se n'alma com tanta impressão!
Desenham, traduzem, tão ampla virtude;
E tem sobretudo tão bom coração!

Segredos que eu saiba na vida não conta,
O mundo não pode manchar-lhe o pudor,
Piedosa e affavel a todos aeolhe
Humana consola com prantos a dôr!

Instincto elevado, finura agradável,
 Augmentam-lhe ainda de fada o condão;
 Presente uma angustia, vae logo abraçal-a,
 Entende-a, e chorando lhe aponta a oração.

Na mão que a indigencia tremendo lhe estende,
 Humilde implorando lhe abrande o rigor,
 E a fome lhe mate, sollicita esmola,
 Ingenua, a donzella sorrindo vae pôr!

Responde graciosa, e modesta evitando
 O affecto importuno, n'um magico não;
 Desfaz as esp'ranças, se um louco as concebe,
 E dá-lhe em vez d'ellas fraterna afeição.

Vaidade — nem sabe que exista no mundo
 A virgem formosa de immenso valor,
 Seus paes que a estremecem adora e respeita,
 Contento por elles só vive de amor!

O rosto é-lhe espelho de terna bondade;
 Não nega, se a offendem um nobre perdão,
 Concede-o depressa, que, meiga e affavel,
 Esquece de prompto se vê contricção.

Lisonjas não julguem, são tudo verdades,
 Louvando só digo, revelo o que sinto;
 O nome não digo, procurem-no perto
 Se querem sabel-o, verão que não minto!

A P E S C A .

(CANÇÃO).

Pescador, barco ao mar sem demora,
 Solta as velas ao brando frescor!
 Redes promptas! Ávante! sem medo!
 Barco ao mar! e sentido! e vigor!
 E a companhia repete contente:
 Barco ao mar! e sentido! e vigor!

Este mar que se espelha é de leite,
 E de rosas se off'rece a maré!...
 Eia! á pesca! nos peitos levamos
 Esperanças, saudades e fé!
 Infeliz não é certo, quem leva
 Esperanças, saudades e fé!

Já se afasta veloz a companhia,
 Sobre as ondas alegre a correr;
 Mais de uns olhos a seguem saudosos,
 Mais de um peito suspende o prazer.
 Porque as vagas do mar inconstante
 O sepulchro d'amor podem ser!

Já vão longe. Na terra mais de uma,
 Ai! murmura fervente oração;
 Por qual d'elles? Por quem? O seu nome
 Não no diz a ninguem, isso não!
 É segredo que o peito lhe guarda,
 É mysterio do seu coração!

E em quanto o cuidado estremece
 Mais de um peito nas ancias do amor,
 Vae no barco da pesca cantando,
 Satisfeito o gentil pescador.

É suave, singela e sentida
 A canção do gentil pescador!

«Meus amores em terra ficaram,
 A saudade me punge no mar,
 Protegei-me, meu Deus, contra os p'rigos,
 Que as saudades desejo matar.

Quero á terra volver, aos amores,
 Quero, emfim, as saudades matar.

Não é minha metade d'est'alma,
 E a minh'alma partida não qu'reis;
 É-me a pesca meu pão, meu sustento,
 Mas d'amor os cuidados são leis,
 Quero á terra volver, aos amores,
 Que de amor os cuidados são leis.»

De repente uma voz se levanta,
 Que suspende trabalho e cantar:
 Prôa á terra! — É o arraes que lhes brada,
 Boa pesca lhe vamos levar.
 E airoso, mudando de rumo,
 Vem o barco na terra aproar.

O terror trocou-se em folguedos;
 As saudades murcharam então;
 E floriram d'amor as esp'ranças,
 E perdeu-se no amor... a razão.

E cantaram alegres, folgaram,
 Dando largas á mutua paixão!

MENDES LEAL (ANTONIO).

TABELLAS CURIOSAS.

Não vae fora de proposito, nas columnas de um jornal que tem conservado a missão de instruir deleitando, apresentar as seguintes tabelas, colhidas dos estudos de graves autores. Será a primeira a das alturas, e a segunda, a das velocidades.

A altura da atmosphaera até ao sitio em que reflectir a luz, é de 12 leguas e 20 graus.

A altura da atmosphaera até ao logar em que ella pode conter a luz, é, segundo o calculo de Bouger, quasi de 2 leguas. —

A serra Chimbaroso, no Peru, mede 3220 toezas de altura, acima do nivel do mar.

O fumo dos volcões eleva-se até á altura de 4400 toezas.

A elevação das nuvens na zona torrida sobre o nivel do mar sobe a 2400 toezas.

A altura do Monte Branco, na Saboia, é de 2391 toezas.

A altura do Pico de Tenerife, é de 1904 toezas.

A do Monte Ceny mede 1807 toezas.

A dos mais elevados montes dos Pyreneos e de 1763 toezas.

A do Monte Etna é de 1713 toezas.

A do Monte Neveira 1583 toezas.

A do Monte Libano 1500 toezas.

A da grande pyramide do Cairo 466 pés.

A da torre de Strasburgo 440 pés.

A da cruz de S. Pedro em Roma 378 pés.

Em quanto ás velocidades, tem-se calculado que um homem, que passeia naturalmente, avança 4 pés por segundo.

A velocidade de um bom cavallo de sege, é de 12 pés por segundo.

A de um cavallo da Laponia de 26 pés por segundo.

A de um bom cavallo de carreira, inglez, de 42 pés por segundo.

A de um galgo, ou bom cão de lebres, é de 88 pés por segundo.

A de um vento geral, e corrente entre os Tropicos, de 25 a 30 pés por segundo.

A de um navio bem veleiro, é quasi de 19 pés por segundo: advertindo que pode tomar os dois terços da velocidade do vento.

Nos furacões e tempestades, o vento corre algumas vezes mais de 100 pés; e n'este caso arranca as arvores pela raiz.

O som corre 173 toezas por segundo.

Uma bala de 24 libras corre 1300 pés por segundo.

A terra, no seu movimento diurno, o que quer dizer no ponto do Equador terrestre, corre 238 toezas por cada segundo: no seu movimento annual ao redor do sol, faz 7 leguas por cada segundo.

Mercurio faz 11 leguas em cada segundo.

Venus 8 leguas no mesmo espaço de tempo.

Marte percorre sómente 6 leguas; Jupiter 3; Saturno 2; e Horchel 1½.

Os corpos graves caindo para a terra, no primeiro segundo do seu descenso, descrevem 15 a 51 pés debaixo do Equador em 80 graus de latitude; fazem no mencionado tempo 15126 pés.

A sombra da lua em um eclipse decorre 12 até 15 leguas por minuto.

A velocidade de uma roda de moinho deve estar na razão da ametade da agua para produzir o maior effeito.

A luz deve gastar mais de tres annos em vir das estrellas fixas, que pelo menos estão 200000 vezes mais desviadas de nós que o sol.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

MUSEUS, GABINETES DE MEDALHAS, GABINETES DE PHYSICA, E JARDINS BOTANICOS.

Seria curiosa a noticia dos museus que hoje possuímos, se não houvesse tamanho descuido em fazer conhecidos estes thesouros, que parece uma especie de avareza nos seus proprietarios darem publico conhecimento d'elles.

Não succedia assim nos tempos passados; e por não recuar mais longe, tomaremos para exemplo o anno de 1807.

D'elles daremos uma abreviada noticia, que oxalá sirva de incentivo aos homens de hoje para fazerem conhecidos os que tão cuidadosamente occultam; que d'estes e outros semelhantes descuidos de publicidade resulta o nosso atraso na estatistica, e d'ahi a falsa apreciação das riquezas do nosso paiz.

Não fallando no gabinete de Historia Natural, que era franco todas as quintas feiras de tarde, e situado na calçada d'Ajuda em Belem, havia o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, á Junqueira; o do marquez d'Abrantes em Bemfica; o de D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, ao lado do Passeio Publico; o do padre João Faustino, na Casa do Espirito Santo; o museu Maynense, em que se ensinava historia natural e botanica, instituida a aula pelo padre frei José Mayne, no convento de Nossa Senhora de Jesus; o da academia real das sciencias, no palacio do Calhariz; o de Adolfo Frederico Lindimberg, na rua Formosa; e o de Jorge Rei, aos Martyres.

Dos gabinetes de medalhas e antiguidades, tambem no mesmo tinhamos não pequena copia, e além do de sua alteza real o principe regente, havia o museu Maynense, onde existiam mais de 540 pinturas, comprehendendo muitas dos melhores autores; o da livraria publica, que então estava estabelecida na Praça do Commercio; o do marquez d'Angeja, na Junqueira; o dos padres theatinos; o dos monjes beneditinos; o do arcebispo d'Evora; o do desembargador João Vidal da Costa e Sousa, na rua de S. Bento; o de João de Magalhães d'Avellar, em Coimbra.

Gabinetes de physica contavam-se oito, a saber: o do principe regente; o da universidade de Coimbra; o do real hospicio de Nossa Senhora das Necessidades; o do marquez de Tancos, á Costa do Castello; o dos conegos regrantes, em S. Vicente de Fora; o da academia real das sciencias, ao Calhariz; o de Tiberio le Blanc, na rua nova de Jesus; e finalmente, o de João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, na sua quinta do Cabeço, a Sacavem.

Os jardins botanicos, além do d'Ajuda, contavamos o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, ao Lumiar; e o do marquez de Abrantes, em Bemfica.

E por accessorios, como complemento d'esta honrosa lista de verdadeiros thesouros de sciencia, não podemos deixar de enumerar os nossos laboratorios chymicos, que eram, o de sua alteza real o principe regente; o de Antonio de Sousa da Silva Alcaforado, em Guimarães; o da universidade de Coimbra; e o da casa da moeda; e assim tambem os nossos observatorios astronomicos, que estavam estabelecidos na marinha real; na academia real das sciencias; no real hospicio das Necessidades, e na universidade de Coimbra.

Esta simples enumeração, consagrada nas paginas do *Panorama*, servirá de desaffrontar do epitheto de obscurantismo a geração que precedeu a actual.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.